

H O M E N A G E M

José Paulo
Paes e o poeta
grego –

o diálogo
interrompido

JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA

JOÃO BAPTISTA BORGES PEREIRA

é professor emérito
da FFLCH-USP
e docente do
Programa de
Pós-graduação
da Universidade
Presbiteriana
Mackenzie.

Julho de 1979. Após concluir pós-doutorado na Universidade de Coimbra, com bolsa da Fapesp, resolvi, juntamente com minha família, passar 30 dias visitando os países da Europa transpirenaica, ou a “verdadeira Europa”, no então dizer dos portugueses. E assim chegamos à Grécia, dentro de um roteiro clássico que me fora sugerido pelo saudoso professor Azis Simão. Minhas filhas adolescentes incluíram no roteiro percorrer as ruas do conhecido bairro de Placas, à procura de famoso sapateiro que fabricava sandálias para celebridades da época. Elas não concordavam em deixar a Grécia sem levar um par dessas sandálias. Finalmente encontramos o que procurávamos. Para mim, foi num primeiro momento um encontro decepcionante. Esperava uma loja requintada e encontrei apenas uma sala comercial onde, num pequeno espaço, jovens, mulheres, vozerio e sandálias se misturavam. Lá no fundo da loja, um sapateiro solitário em sua banca rústica, cheia de couros e ferramentas, trabalhava, aparentemente indiferente a tudo. Ao ouvir nossa conversa, foi logo perguntando: “São brasileiros?”. Feliz com a resposta, levantou-se de sua banca, deixou clientes à espera, pegou-me pelo braço e conduziu-me para uma saleta ao lado da



loja. Num português inteligível mostrou-me as paredes forradas de jornais. Eram folhas e folhas que o tempo se encarregara de amarelar. O sapateiro apontava com os dedos sujos de tinta e cola os trechos que eu deveria ler. Lá, em páginas já envelhecidas, jornais gregos com poemas de Manuel Bandeira que ele havia traduzido e publicado. Na outra parede, exemplares dos *Diários Associados*, da fase de Assis Chateaubriand, com crônicas de Bandeira falando sobre seu confrade grego.

O sapateiro esperou a minha reação e depois me disse simplesmente: “Esse grego sou eu!”. E emendou: “E Manuel Bandeira como está?”. Prometi-lhe que voltaria para falarmos sobre o poeta brasileiro, porém os dias correram rápidos demais para agenda tão ambiciosa. Não retornei à loja de Placas.

Essa a história que, anos depois, contei ao José Paulo Paes, em uma das reuniões do conselho editorial da revista do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, onde sentávamos lado a lado sob a batuta do presidente do conselho, o competente jornalista Nilo Scalzo. Zé Paulo queria mais informações sobre o poeta grego e eu nada tinha a lhe dizer. Naquele dia, prometi ao amigo que na primeira oportunidade retornaria à Grécia e iria procurar o poeta sapateiro. Depois da promessa, dei-me conta de que nada sabia sobre o poeta: nem seu nome, nem seu endereço. Tudo havia se esvoaçado de minha memória. Confesso que fiquei angustiado com a promessa que fizera e não poderia cumprir.

Foi com essa angústia que conversei, casualmente, com a professora Haiganuch Sarian, arqueóloga clássica brasileira que fazia periodicamente escavações nas ilhas gregas. “Parece inacreditável”, disse-me ela, “porém eu também fui seduzida pelas mesmas sandálias, só não sabia que o sapateiro era um poeta admirador de Manuel Bandeira. Guardei como lembrança um par delas que nunca usei. Na sola tem o carimbo da loja, com o endereço. Vou lhe enviar uma cópia”.

15 de março de 1995. Recebo da arqueóloga um bilhete:

“Aqui vai o que está escrito na etiqueta das minhas sandálias gregas:

‘Mellissinos, <The poet>
Greek Hand Made Sandals
89 Pandrossou Street – Athens’”.

Graças ao auxílio providencial da colega, tempos depois, após cumprir compromissos profissionais na Espanha, lá estava eu em Placas, sem a certeza de que, após tantos anos, reencontraria a loja e o sapateiro. Reencontrei-os. A loja vazia de clientes a indicar que o fascínio pelas sandálias havia desaparecido. Mais ao fundo da sala, ao lado de sua velha banca, um sapateiro mais envelhecido, calvície acentuada, bigodes espessos e brancos. Cumprimentei-o, contei-lhe do nosso primeiro encontro. Ele, elegantemente, fingiu lembrar-se de mim. O tema foi ainda Manuel Bandeira, que ele ficara sabendo havia morrido. De repente, ele, como que inspirado, declama “Vou-me Embora pra Pasárgada” e “O Carnaval”, resumindo este último na frase: “Que tudo emborca e faz caco... Evoé. Baco”. Depois de breve silêncio, justifica-se: “São os meus poemas prediletos”. Falei-lhe sobre José Paulo Paes. Demonstrou grande curiosidade em saber mais sobre o poeta, tradutor e crítico brasileiro. Concordou de pronto em dialogar com ele por carta. Para completar nosso encontro, ofereceu à USP, para ele a Universidade de Bandeira, o seu mais recente livro, em inglês (porque, segundo o poeta, diferentemente do grego, o inglês não é o túmulo do pensamento).

Tão logo regressei ao Brasil, ansioso por contar ao Zé Paulo o resultado da viagem prometida, telefonei à Dora, sua esposa dedicada e tão meiga quanto o marido. Aí a triste notícia: José Paulo Paes, o poeta amigo, doce e irônico a um só tempo, havia falecido durante minha viagem.

Ficou em minhas memórias tudo o que pretendia passar ao Zé Paulo, talvez na esperança do dia em que retornarei à Grécia e tornarei a ouvir Mellissinos, o poeta sapateiro, declamando Bandeira.